

## É preciso aprender a ficar (in)disciplinado<sup>1</sup>

André Monteiro<sup>2</sup>

*Para Terezinha Scher e Júlio Diniz,  
(des)orientadores*

Tomando como mote o título desta mesa, e parafraseando Nietzsche, me proponho a pensar: qual a utilidade e a desvantagem da (in)disciplina para nossa vida? Começo, didaticamente, a desdobrar essa interrogação a partir da disciplina. Digo didaticamente, porque disciplina e indisciplina, aqui, serão tratadas como possíveis vetores de uma mesma potência vital.

Arrisco-me a pensar que uma disciplina, seja ela qual for, entendida simultaneamente como idéia e como prática, só é favorável à vida quando percebida em sua singularidade, e não em sua suposta identidade. Percebida como diferença. Mas uma diferença impura, plural, porosa, prosaica. Ninguém duvida, por exemplo, que escrever um poema é diferente de tourear. Há, obviamente, entre essas duas atividades disciplinares, nítidas diferenças relativas a seus suportes, seus materiais, suas táticas e estratégias de treino, suas metodologias de aprendizado, etc. Mas o que pode acontecer a alguém que, propondo-se a escrever um poema, e no curso mesmo de sua escrita, de algum modo, é tocado pelo ambiente de uma tourada? (Algo que, como é sabido, já se passou com alguns poetas espanhóis que se deixaram contaminar pelas “corridas de toro”). Nesse caso, não se estaria, de muitos modos, toureando a pena? A pena de um poeta toureiro a lutar, bailar com a ginga de palavras-touro? Não se poderia, nesse caso, inclusive, estudar a poesia da palavra com a poesia da tourada? João Cabral, poeta, estudante de poesia, amante de tourada, amante de poesia, estudante de tourada, escrevia, de Barcelona, a Manuel Bandeira, em 1947, ocasião da morte de Manolete, lendário toureiro morto em ofício por um touro miúra: “... era [Manolete] um camarada fabuloso: vi-o algumas vezes aqui em Barcelona e imaginei que era Paul Valéry

---

<sup>1</sup> Texto falado no VI *Simpósio em Literatura, Crítica e Cultura*, realizado, em maio de 2012, pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora.

<sup>2</sup> André Monteiro é *homo lattes* e *homo ludens*. Com a máscara do primeiro é proletário da cognição: doutor e pós-doutor em Estudos da Literatura pela PUC-Rio, professor de literatura da Universidade Federal de Juiz de Fora (FALE/Dep. de Letras). Publicou os livros *A ruptura do escorpião – Torquato Neto e o mito de marginalidade* e *Ossos do Ócio*. Como *homo ludens*, busca criar e se deixar criar por afetos alegres. Na corda bamba, entre acasos e constelações, as duas máscaras, simultaneamente, lhe caem muito bem. E-mail: [duidimonteiro@gmail.com](mailto:duidimonteiro@gmail.com)

toureando...”<sup>3</sup>. O que passa entre a economia dos gestos de Manolete, o olhar aguçado de Cabral e a poética de Valéry? O que passa, o que pode passar entre a disciplina de um poeta e a disciplina de um toureiro, de um geógrafo, de um jogador de futebol, de um pipoqueiro, de um guerrilheiro urbano, de um cozinheiro, de um engenheiro...? Haveria alguma possibilidade de se fazer poesia sem se deixar contaminar por qualquer outra prática de saber que não a de uma suposta prática estritamente poética? Tudo não quer passar pela poesia? Toda vida viva não quer passar pela vida? Toda vida viva não quer sofrer vida? Conviver (Co-viver) com vida, viver junto? E a vida não é sempre outra? O poeta que compreende sua disciplina poética, não como uma diferença aberta à passagem de outros corpos, de outras singularidades disciplinares, mas como uma diferença identitária, ensimesmada nos contornos estojados de suas especiarias e perfumarias e mais valias, pode querer outra coisa senão se esconder do correr da vida? Mas poetas que se escondem da vida podem mesmo evitá-la? Ou podem apenas ressentir-la, culpá-la de sua abundância, quando ela nos convida, e ela sempre nos convida, a viver sua irredutível multiplicidade? Ou podem apenas, quando a vida vem, e ela sempre vem, trancar a própria pena, envergonhá-la no cofre mofado de suas referências analgésicas? Poetas que se escondem da vida se escondem apenas de vidas inusitadas que podem ocorrer ao correr da pena? Ou se escondem, também, da própria poesia? Ou seja, da própria disciplina poética, em seu sentido mais forte, se concordamos com a velha e, ainda nova, provocação de Oswald de Andrade dirigida à “solenidade de última instância” de alguns poetas da década de 40: “E parecem ignorar que poesia é tudo: jogo, raiva, geometria, assombro, maldição e pesadelo, mas nunca cartola, diploma e beca.”<sup>4</sup>. Digo que a provocação de Oswald é velha, e ainda nova, porque, para além e aquém de qualquer chamada, de modo apropriado ou não, “geração de 45”, sempre houve, sempre há, entre nós, poetas, ou ditos poetas, que, em termos oswaldianos, confundem “sisudez com profundidade”. Me poupo ao trabalho de citar nomes. Dar nome aos bois é, quase sempre, dar corda, muita corda, aos bois. Prefiro, assim, evocar apenas os sintomas. Lembrar que na década de 90, nos soava, e ainda hoje nos soa, muito viva a “Novelha cozinha poética” de Waly Salomão, poema criado em diálogo humorado com a verve antropofágica e, ao mesmo tempo, com a disciplina gastronômica, resultando em irônica e ácida receita poético-culinária:

---

<sup>3</sup> MELO NETO, João Cabral de. *Correspondência de Cabral com Bandeira e Drummond*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, Fundação Casa de Rui Barbosa, 2001, p.34.

<sup>4</sup> ANDRADE, Oswald de. “Novas dimensões da poesia”. In : *Estética e política*. São Paulo: Globo, 2011, p.174

Pegue uma fatia de Theodor Adorno  
Adicione uma posta de Paul Celan  
Limpe antes os laivos de forno crematório  
Até torná-la magra-enigmática  
Cozinhe em banho-maria  
Fogo bem baixo  
E depois leve ao Departamento de Letras  
Para o Douto professor Dourar.<sup>5</sup>

Não desejo, aqui, em diálogo com Oswald e Waly, estabelecer uma dicotomia sectária e purista entre uma disciplina poética viva e todo e qualquer departamento de letras, toda e qualquer beca, todo e qualquer diploma, todo e qualquer douto professor, de letras ou não, todo e qualquer Adorno, todo e qualquer Paul Celan... Muito menos, extrair da poesia sua dimensão enigmática, até porque, como nos lembra o próprio Oswald, toda poesia viva nos põe em “estado de inocência”: “a alegria dos que não sabem e descobrem”. Impotente não é o enigma. É o enigma pelo enigma. Como, também, não são, necessariamente, impotentes a beca, o diploma, a referência teórica. Impotente é a beca pela beca, o diploma pelo diploma, a referência pela referência, etc. Impotente é uma “poesia” feita em fogo baixo, cozinhada sem perigo, fabricada sob encomenda para atender a uma disciplina poética já pensada, já poetizada. Uma “poesia”, para ficarmos de novo com Oswald, “... oculta nos cipós maliciosos da sabedoria. Nas lianas da saudade universitária”.<sup>6</sup> O que Montaigne dizia no século XVI (algo que, posteriormente, e de muitos modos, será retomado por Nietzsche no século XIX) ainda nos é muito contemporâneo:

Indagamos sempre se o indivíduo sabe grego e latim, se escreve em verso ou prosa, mas perguntar se se tornou melhor e se seu espírito se desenvolveu – o que de fato importa – não nos passa pela mente. Cumpre entretanto indagar quem sabe melhor e não quem sabe mais. (...) Cuidamos das opiniões e do saber alheios e pronto; é preciso torná-los nossos. Que adianta ter a barriga cheia de comida se não a digerimos?<sup>7</sup>

Creio que um discípulo potente de uma disciplina, de qualquer disciplina, não sustenta o fetiche de suas especialidades, o mero acúmulo de suas erudições, o peso moral de suas regras e rugas, mas persegue e se deixa perseguir e habitar pelo motor de suas margens, de suas fronteiras ínfimas e infinitas.

<sup>5</sup> SALOMÃO, Waly. *Tarifa de Embarque*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, p.21.

<sup>6</sup> ANDRADE, Oswald. “Manifesto da Poesia Pau-Brasil”. In : *A utopia antropofágica*. São Paulo: Globo, 1995, p.41-45.

<sup>7</sup> MONTAIGNE, Michel de. *Ensaio*, Vol.1. São Paulo: Nova Cultural, 2000 (Os Pensadores), p.140.

Toda disciplina potente, assim desenhada, não seria necessariamente uma inter (ou trans) disciplina? Há mais de 40 anos que o globo acadêmico sustenta, com euforia e mil teorias, a bandeira da interdisciplinaridade. Nesse caso, vale, também, indagar de que modo a interdisciplinaridade é útil à vida e de que modo ela não é. Alguém que se especializa em matemática, física, filosofia, antropologia, literatura, geografia, e biologia pode ser apenas um multiplicador de disciplinas, em seu sentido mais fraco. Pode ser apenas um multiplicador de sua própria escravidão, um multiplicador ensimesmado de corcundas, já que, como diria Nietzsche, “todo especialista tem sua corcunda”<sup>8</sup>. Pode-se ter muitas especialidades disciplinares sem que nada se crie com elas, a não ser uma brutal indigestão alimentar.

Roland Barthes, no início dos anos 70, colocava seu brilhante dedo na ferida da moda interdisciplinar:

O interdisciplinar, de que tanto se fala, não está em confrontar disciplinas já constituídas das quais, na realidade, nenhuma consente em abandonar-se. Para se fazer interdisciplinaridade, não basta tomar um ‘assunto’ (um tema) e convocar em torno duas ou três ciências. A interdisciplinaridade consiste em criar um objeto novo que não pertença a ninguém. O texto é, creio eu, um desses objetos.<sup>9</sup>

O texto, como se sabe, se difere radicalmente, para Barthes, da noção de obra. Esta se deixa mensurar, classificar, compreender a partir de uma possível origem, de uma possível identidade, de um possível *telos*. A obra se inscreve e se escreve, portanto, na lógica do produto. A lógica metodológica e epistemológica do texto consiste em tratar modos de pesquisar-ler-escrever-aprender-ensinar-pensar como puros processos, puras travessias. O texto é um objeto sem objetividade, sem identidade. É um quase-objeto. Ele se produz em seu próprio inacabamento, nas fissuras crescentes de seu auto-abandono. Ele nos convida a ouvir e fazer ouvir o desejo. E o desejo, nesse caso, é sempre um desejo demoníaco pelo outro, no outro, com o outro, infinito-outro que nunca se curva ao esperável de um mesmo, já que, em seu plural – um plural, diz Barthes, “irredutível (e não apenas aceitável)”<sup>10</sup> – o texto é sempre legião: inter-texto, entre-texto, trans-texto. O texto é, simultaneamente, dentro e fora de si mesmo.

---

<sup>8</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 268.

<sup>9</sup> BARTHES, Roland. “Jovens Pesquisadores”. In : *O rumor da língua*. São Paulo: Brasiliense, 1988, p. 99.

<sup>10</sup> “Da obra ao texto”. In : *O rumor da língua*. São Paulo: Brasiliense, 1988, p. 74.

Negativo e afirmativo, ele se abandona, se esvazia, justamente para ganhar vida, conectando e multiplicando, incessantemente, novas singularidades, novas disciplinaridades, inter-entre-trans-disciplinaridades. Por isso o texto é, para Barthes, paradoxal. Sua força política consiste em criar um desvio da *doxa* (uma para-*doxa* na *doxa*), um modo de arejar os vícios e os estereótipos aprisionadores de vidas. Um modo potente de atravessar e abandonar uma moral disciplinar, seu constante exercício de vigiar e punir (a lei do pai, a lei da propriedade, a lei da finalidade). O texto, em sua condição paradoxal, libera, em nós, tudo aquilo que, conosco, quer criar vida. Um encontro interdisciplinar potente, em termos barthesianos, é aquele que faz do poeta mesmo um poeta outro, do toureiro mesmo um toureiro outro. Um outro que não pertence a nenhum termo, pois se constitui como passagem desejante...

Desse modo, torna-se óbvio concluir que, se toda disciplina potente - vale lembrar, favorável à vida - entra em um “textual” jogo interdisciplinar, ela, também, necessariamente e paradoxalmente, se faz indisciplina. Chamo indisciplina a capacidade que uma disciplina possui de se livrar da própria corcunda, tornando-se, conosco, dançarina. Tornando-se uma disciplina que nos convida a fazer dela nosso dever de casa (nosso treino diário com ela, nosso saber habitá-la) e, simultaneamente, nosso devir de casa (nossa necessidade de abrir suas janelas, para que por elas possam entrar todos os possíveis e impossíveis insetos, como diria o cancionista popular). Tornando-se, a um só tempo, disciplina-indisciplina: corpo-singularidade, corpo-pluralidade. Só não vale, nesse caso, confundir indisciplina com falta de rigor, com desleixo, com descuido suicida. O aluno suicida que bota fogo na escola, e dela é expulso, é tão impotente quanto o aluno CDF, puramente obediente às leis institucionais. Ambos impedem a entrada da vida na disciplina escolar. O primeiro porque, como bode expiatório do autoritarismo, está fora de órbita. O segundo, porque está dentro demais, corcunda e pesado demais. A questão, falava Deleuze em uma entrevista, “...é justamente como fazer o movimento, como perfurar a parede para não dar mais cabeçadas.”<sup>11</sup>. Transgredir a estrutura por dentro dela mesma. Criar um agenciamento vivo capaz de fazer falar o dentro no fora e o fora no dentro. A relação forte entre disciplina e indisciplina se concretiza em pegadas jazzísticas: uma base rítmica, harmônica e melódica bem estruturada e bem estudada, provisoriamente invariável, excitando, suportando e atualizando, ao invés de impedir, a variação erótica e selvagem do

---

<sup>11</sup> DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992, p.172.

improviso, do “instante já”, como diria Clarice Lispector, ou do instante-jazz, se quisermos fazer jazz com as palavras. Ana Cristina Cesar tocando a pena em meus ouvidos: “Meu filho. Não é automatismo. Eu juro. É jazz /do coração.”

Um exemplo recente de exercício disciplinar, interdisciplinar e indisciplinar, em seus sentidos mais vivos, encontro no vídeo *É preciso aprender a ficar submerso*<sup>12</sup>, realizado por Danielle Fonseca, em 2011, a partir de um diálogo com o poema “O dia em que Gottfried Been pegou a onda”, do escritor-pensador Alberto Pucheu:

É preciso aprender a ficar submerso  
por algum tempo. É preciso aprender.  
Há dias de sol por cima da prancha,  
há outros, em que tudo é caixote, vaca,  
caldo. É preciso aprender a ficar submerso  
por algum tempo, é preciso aprender  
a persistir, a não desistir, é preciso,  
é preciso aprender a ficar submerso,  
é preciso aprender a ficar lá embaixo,  
no círculo sem luz, no furacão de água  
que o arremessa ainda mais para baixo,  
onde estão os desafiadores dos limites  
humanos. É preciso aprender a ficar submerso  
por algum tempo, a persistir, a não desistir,  
a não achar que o pulmão vai estourar,  
a não achar que o estômago vai estourar,  
que as veias salgadas como charque  
vão estourar, que um coral vai estourar  
os miolos – os seus miolos –, que você  
nunca mais verá o sol por cima da água.  
É preciso aprender a ficar submerso, a não  
falar, a não gritar, a não querer gritar  
quando a areia cuspir navalhas em seu rosto,  
quando a rocha soltar britadeiras  
em sua cabeça, quando seu corpo  
se retorcer feito meia em máquina de lavar,  
é preciso ser duro, é preciso aguentar,  
é preciso persistir, é preciso não desistir.  
É preciso aprender a ficar submerso  
por algum tempo, é preciso aprender  
a aguentar, é preciso aguentar  
esperar, é preciso aguentar esperar  
até se esquecer do tempo, até se esquecer  
do que se espera, até se esquecer da espera,  
é preciso aguentar ficar submerso  
até se esquecer de que está aguentando,  
é preciso aguentar ficar submerso  
até que o voluntarioso vulcão de água  
arremesse você de volta para fora dele.

---

<sup>12</sup> <http://www.youtube.com/watch?v=jGwY2daOJGs>

Encontro feliz, não apenas entre a disciplina-indisciplina da poesia da palavra com a disciplina-indisciplina da poesia áudio-visual, como também de ambas com as possibilidades disciplinares, indisciplinadas do surf. As palavras do poema, encarnadas pela voz do próprio poeta, se encontram: com imagens de uma criança aprendendo a surfar; com a dinâmica sonora do mar; com a performance imagética da câmera que, muito além de meramente documentar o surf da criança, ou ilustrar-representar as palavras do poema, surfa com o surf-criança, com o surf-palavras, com as possibilidades sonoras e imagéticas das ondas.

Surfemos com calma os possíveis movimentos desses encontros.

O surf-poema-vídeo de Alberto Pucheu e Danielle Fonseca nos convida a surfar o surf para além da *doxa* de seu heroísmo eufórico, de seus dias de glória, de seu *vídeo show*. O surf longe dos estereótipos do surfista campeão de surf. E mais longe ainda do “Surfista calhorda”, com “Prancha importada assombrando a menina/ Corpo de atleta e rosto de Baby Johnson”, como gritavam os punks Replicantes dos anos 80. Um exercício de ver-ouvir que nos expulsa de toda possível superficialidade do surf, o que não significa de suas superfícies, se entendermos que, nesse caso, superfície e profundidade não se opõem, mas se dão e se doam como passagens, perspectivas, dobras de uma mesma onda, um mesmo mar, um mesmo devir-água.

As palavras do poema, com sua cadência circular, com a aspereza de suas consoantes, com a fúria crescente de suas imagens, com seu tratamento diretamente dirigido ao “você” do leitor, a cada giro, nos arranca do conforto de nossos “dias de sol por cima da prancha” e nos “arremessa” mais e mais para o escuro turbilhão dos intestinos do surfar (a dimensão diabólica, intraduzível de seu “círculo sem luz”), nos levando à precisão do aprender “aguentar ficar submerso”, aprender a disciplina de assumir o perigo indisciplinado da água no perigo do próprio corpo, quando o corpo “se retorcer feito meia em máquina de lavar”. Assim como a onda vive de sua repetição e, simultaneamente, de sua novidade (uma mesma onda é, sempre, outra onda, um “eterno retorno da diferença”, para lembrarmos o diálogo Deleuze-Nietzsche), o poema parte de um bordão: “É preciso aprender...”. E a cada retorno preciso de seu aprendizado sonoro-sintático-semântico, se abrem, em sua precisão formal, novos furacões de palavras. Trata-se de um poema que ouve e faz ouvir, na violência de suas palavras, a violência criadora, cruel, caótica da água-onda. A água que o homem não pode prever e conter, a

água que o homem, por inteiro, não pode surfar no seu surfar, não pode escrever no seu escrever. Água-borda que, constantemente, “o arremessa ainda mais para baixo,/ onde estão os desafiadores dos limites/humanos.”

Água-onda-mar que não deixa a criança em paz, que faz a criança, inquieta, subir e saltar da prancha, entrar e sair do mar e, de novo, entrar e, de novo, ser levada pela onda a sair e, de novo, “persistir”, tentar entrar, criar entradas, brincar de “não desistir” e, de novo, aprender a dura disciplina de “ficar submersa por algum tempo”, de não se esconder da violência do viver, mas aprender a surfá-la, surfando-a, como as palavras de Pucheu se surfam e se escrevem em onda, como a câmera do vídeo de Danielle Fonseca surfa o surf das palavras de Pucheu e o surf da criança, deles se perdendo e se encontrando no que se filma, no que se ouve e se vê filmar, na onda-música do mar, na onda-cadência do poema, na criança que se enquadra, se desenquadra, na pulsão da onda que faz a imagem levar “caixote, vaca, caldo”, mergulhar no embrulho da onda, dobrando-se com ela a ver-não-ver céu, a ver-não-ver onda, a ver-não-ver navio, a ver-não-ver criança. E tudo isso de novo: na edição dobrada da sequência que persiste no infilmável do que se filma, no inaudível-inescritível do que se ouve-escreve, no isurfável-surfável que se faz criança.

Trata-se, em tudo isso, de um encontro rigoroso do caos e do cosmos. Disciplinas, trans-disciplinas, indisciplinas. Ressonâncias das melhores lições extemporâneas de nossos totens que, há muito, e de muitos modos, vem tentando nos fazer ouvir: o mundo é vasto e em sua vastidão o que o mundo imundo quer conosco é sempre um mais de sua potência a não se adaptar em zonas de conforto. É sempre uma natureza indócil que não se deixa representar em seu puro devir, que não se deixa humanizar, que tudo une e tudo fere em caos comum. Um caos inevitável que, justamente por ser inevitável, nos exige, para com ele, toda nossa precisão, para voltarmos à palavra-chave do surf-poema-vídeo disciplinado-indisciplinado de Alberto Pucheu e Danielle Fonseca. Leio o título “É preciso aprender a ficar submerso” com a mesma ambiguidade que muitos lêem o famoso lema dos navegadores antigos relido por Pessoa: “Navegar é preciso; viver não é preciso”. *Preciso* como necessidade de encarar todo o perigo criador e com ele, não simplesmente viver o vivido, ou o vivível, mas criar ainda mais perigo com o acontecimento de seus impossíveis. Ou como resumo o próprio Pessoa, “Viver não é necessário; o que é necessário é criar.” Mas, *preciso*, também, como idéia de se fazer, de se tentar fazer algo de modo rigorosamente acurado. Precisão como capacidade de se criar máscaras provisórias, suportes finitos para o



insuportável infinito do viver: um tanto de Apolo, um tanto de Ariadne para o que não se pode precisar do todo dionisiaco. A pena de um poeta, o conceito de um filósofo, a prancha de um surfista, a ginga de um toureiro, a câmera de um cineasta, a panela de um cozinheiro podem ser máscaras precisas, ou não. Não importa o suporte disciplinar em si, a disciplina em si, mas o movimento vital que uma disciplina qualquer é capaz de traduzir em sua singularidade povoada. Disciplinas, tal como as penso aqui, não são categorias, são pousos, repousos provisórios para o indisciplinado texto da vida. E a cada vez que a vida pede pouso em nós, e ela sempre pede, é preciso, com ela, precisamente, arrumar, re-arrumar, concertar, desconcertar nossas moradas disciplinares. Portanto, é preciso indiscipliná-las, para melhor discipliná-las.

É preciso aprender a fazer com que o viver não se envergonhe em nós, não desista de nós, não morra em nós. Ou, ainda, nos faça sucumbir de vez, virar farrapo, virar molécula diante da enorme onda de sua grandeza. É preciso resistir sabendo que nossa resistência se constrói naquilo mesmo, com aquilo mesmo que nos faz aprender a ficar, por algum tempo, submersos. A vida nos exige uma disciplina-indisciplina de guerra. Não a guerra do ressentimento, mas a guerra do esquecimento. Por isso, volto de novo (sempre de novo) às últimas palavras do poema de Pucheu:

é preciso aguentar esperar  
até se esquecer do tempo, até se esquecer  
do que se espera, até se esquecer da espera,  
é preciso aguentar ficar submerso  
até se esquecer de que está aguentando,  
é preciso aguentar ficar submerso  
até que o voluntarioso vulcão de água  
arremesse você de volta para fora dele.

Não adianta brigar com a vida. É preciso ir com ela e esquecê-la. Esquecer para lembrar o que ainda não é. Esquecer como a criança que surfa esquece do caixote, do caldo, da vaca da última onda para pegar uma onda nova. Esquecer para não esquecer, como não esquecia Nietzsche, do lema de Píndaro que ele tanto amava: “torna-te aquilo que és”. E o que és, o que é, o que somos senão o próprio “tornar”? Ou melhor: um próprio e sempre único tornar-se povoado pelo eterno tornar-se da vida. O que distingue uma pessoa de outra pessoa, uma música de outra música, uma disciplina forte de outra disciplina forte é a singularidade de seu próprio e necessário tornar-se. É preciso

aprender a esquecer para lembrar que nunca é tarde para ouvir a voz do vento que passeia, aqui e agora, pelo *campus*.

Diz o vento:

Quanto mais meu corpo penetra os corredores do *campus* (suas divisões departamentais, seus purismos disciplinares que se dizem, ou não, poderosos, suas óbvias e visíveis apatias que nos impedem os corpos, seus canteiros ocupados pelas velhas máquinas mercantes, seus critérios de cientificidade ainda crivados pelas gravatas ficcionais da objetividade...), mais desaprendido eu me aprendo e me torno e enquanto me torno o fluido que sou, tudo aquilo que outrora parecia tão pesado e doloroso, digno de pena, terror, medo e revolta, vira em mim poeira leve que se varre e some... eis a vantagem de ser vento: quanto mais velho, mais forte à vida eu me sopro, me cumpro, me largo e, de novo, me invento...